

OBRAS E CONSTRUÇÕES: SENTIDOS E SUJEITOS SOBRE O DISCURSO DA MÍDIA IMPRESSA ACERCA DO CRESCIMENTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Fábio Márcio Gaio de Souza¹

Grenissa Bonvino Stafuzza²

Resumo: Pretendemos com este artigo refletir acerca da construção dos sentidos e dos sujeitos no discurso sobre o crescimento da Universidade Federal de Goiás nos jornais *O Popular* e *Jornal UFG*. Entendemos que assim como a universidade, os discursos são construídos e os sujeitos enunciam a partir de sua posição e relacionamento com a universidade e sob condições sociais, ideológicas e históricas em que confrontam os dizeres dos sujeitos que se confundem com a história da própria instituição e com os dizeres institucionais. O que é dito é atravessado por outros discursos em uma relação interdiscursiva e buscamos neste trabalho compreender a questão que envolve os sujeitos e seus deslocamentos, no qual, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos de acordo com o lugar social, histórico e ideológico.

Palavras-chave: Discurso; mídia; universidade.

Résumé: Nous voulons avec cet article réfléchir à la construction des sens et des sujets dans le discours sur la croissance de l'Université Fédérale de Goiás qui émerge dans les journaux "O popular" et "Jornal UFG". Nous comprenons que les discours, comme l'université, sont construits et les sujets énoncent à partir de leur position et ses relations avec l'université et dans des conditions sociales, idéologiques et historiques, dans lesquelles sont confrontées les paroles des sujets qui sont confondus avec l'histoire de la propre institution et avec des énonciations institutionnels. Ce qui est dit est traversé par d'autres discours dans une relation interdiscursive et nous cherchons à comprendre la question qui implique les sujets et ses déplacements, dans lesquels un même mot peut avoir des significations différentes selon leur lieu social, historique et idéologique.

Mots-clés: discours; médias; université.

Introdução

Ao longo dos últimos anos a universidade pública federal brasileira tem experimentado um significativo crescimento resultante de investimentos governamentais. Neste sentido, é possível perceber o aumento da oferta de vagas em cursos de graduação e

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pela Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás.

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa e professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás.

pós-graduação, o incremento da estrutura física, a contratação de novos servidores e a criação de novas universidades, bem como a expansão das instituições já existentes por meio da abertura de novos *campi* tanto em capitais, quanto o interior do Brasil. O crescimento observado é fruto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, onde diversas ações foram tomadas pelo governo federal com o propósito de contemplar o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, o combate a evasão e a criação de novas universidades e a implementação de novos *campi* universitários em diversos estados. As ações implementadas pelo *Programa Reuni* resultaram no maior crescimento já observado no ensino superior federal brasileiro, entretanto, junto com o crescimento, surgiram problemas referentes à falta de estrutura e pessoal, ao atraso na conclusão de obras e a condições gerais de trabalho, o que inclusive desencadeou em 2012 um dos maiores movimentos grevistas no âmbito das instituições federais de ensino superior.

O crescimento observado nos últimos anos, em proporções e em condições diferentes, afetou e tem afetado todas as universidades federais brasileiras. O cotidiano de estudantes, professores, técnico-administrativos e comunidade usuária das universidades, têm sido afetado pela construção de prédios, adequações de espaços físicos, oferta de novos cursos, bem como dificuldades na contratação e reposição do quadro pessoal capaz de acompanhar a demanda, atrasos na entrega de obras e problemas de caráter administrativo e acadêmico. Nesse bojo de crescimento observado em todo o Brasil, a região centro-oeste ainda é a que possui o menor número de universidades federais, sendo apenas quatro. Dentre estas instituições, está a Universidade Federal de Goiás (UFG), com *campi* em Goiânia e nas cidades de Catalão, Goiás e Jataí e em vias de implantação de novos *campi* nas cidades de Aparecida de Goiânia e Cidade Ocidental. Criada em 1960 a partir da união de cinco instituições isoladas de ensino superior, no Processo Seletivo 2013/1 a UFG ofertou 5.001 vagas na graduação distribuídos em mais de 100 cursos, isto sem falar na pós-graduação que oferece cursos de especialização, mestrado e doutorado.

Quando se trata da percepção que se tem acerca do crescimento da universidade, diversos fatores, que se materializam em questões referentes, por exemplo, a obras, implantação de cursos e contratação de pessoal, influenciam de forma direta os segmentos que compõem a instituição e a comunidade externa. Pautado pela mídia impressa goiana, a representação desse crescimento tende a ser heterogêneo, onde se observa nos veículos de comunicação a circulação de discursos que tratam do crescimento da UFG capazes de

produzir diferentes sentidos, a partir do nível de relacionamento com a universidade, do posicionamento político do periódico com relação as instituições e ao próprio governo, da posição ocupada pelo sujeito, das circunstâncias sociais, ideológicas e históricas existentes nos discursos e da própria relação que ocorre entre sujeitos e entre discursos. Desta forma, a noção de crescimento da UFG afeta os sujeitos de diferentes formas, que a partir de sua filiação a um determinado discurso passam a interpretar a noção de crescimento da UFG, fazem com que o sentido produzido por um segmento seja diferente daquele produzido por outro.

Pelo fato de ser constituído em sua relação com o exterior, o discurso é atravessado por outros discursos em uma relação interdiscursiva, onde o discurso pode ter efeitos de sentido diferentes, não sendo assim estável, homogêneo, mas, ao contrário, caracterizado por sua heterogeneidade. Desta forma, pretendemos refletir acerca da construção destes sentidos sobre o crescimento da universidade, materializados nos jornais *O Popular* e *Jornal UFG*, por entendermos que tendo em vista o fato do primeiro ser considerado veículo de comunicação comercial pertencente ao maior grupo de comunicação de Goiás e o segundo ser produzido e vinculado institucionalmente a universidade, a maneira como ocorre a inserção dos sujeitos no discurso sobre o crescimento, a identificação destes sujeitos com os discursos que circulam sobre o assunto, ou seja, a forma como estes discursos constituem e atravessam o sujeito e os sentidos que são construídos na relação entre sujeitos, discursos e ideologia, são diferentes de um jornal para o outro no qual, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos de acordo com o lugar social, histórico e ideológico.

Sujeitos e sentidos

A noção de sujeito para a Análise do Discurso (AD) em Michel Pêcheux é fundamental para o próprio entendimento da noção de discurso. O sujeito da AD não é o indivíduo, ou seja, o sujeito empírico, mas sim, o sujeito do discurso. Este sujeito enuncia de um lugar socialmente e historicamente marcado, sendo constituído por aquilo que lhe é exterior, sendo o sujeito capaz de assumir diferentes posicionamentos baseado em concepções ideológicas que o identificam a determinado discurso e não a outro. A partir de um dado local ocupado, tendo em vista a relação entre sujeitos e entre discursos, os sentidos são construídos. Em AD fala-se, portanto, de um sujeito construído na sociedade, e fala-se ainda de um lugar onde a língua se move, um lugar de entremeio entre Linguística e Ciências Sociais que visa descrever, interpretar e analisar discursos em seus mais variados suportes.

A noção de sujeito para Pêcheux, assim como a própria teoria pecheautiana, é submetida a transformações. Pêcheux parte da releitura de Althusser a fim de conceber uma teoria materialista sobre o discurso. Na obra *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Althusser (1970, p. 46) distingue o Aparelho de Estado (AE) dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) por meio da maneira distinta como estes aparelhos funcionam, ao especificar que o primeiro opera pelo prevalecimento da violência, enquanto o segundo funciona pela prevalência da ideologia. Althusser afirma que os AIE têm por objetivo a reprodução das relações de produção sendo estes aparelhos representados, por exemplo, pela escola, pela família, pela igreja e pela mídia e são os alvos e locais da luta de classes. Para que exista ideologia é necessária a existência do sujeito, sendo que o indivíduo toma conhecimento da ideologia por meio da interação social e a ideologia tem sua existência material em práticas nos aparelhos, onde, por sua vez, as práticas têm existência nos sujeitos. Pelo processo de funcionamento da ideologia em Althusser (1970, p. 99) “a ideologia ‘age’ ou ‘funciona’ de tal forma que ‘recruta’ sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos), ou ‘transforma’ os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos a *interpelação*” (grifos do autor). Ao atender o chamado da ideologia, o indivíduo torna-se sujeito. O sujeito se identifica e filia-se a determinada ideologia, podendo assim filiar-se a uma e não a outra e acredita ter autonomia sobre tal filiação e a partir deste lugar, os sujeitos de posicionam.

Pêcheux vai mais além e toma os pressupostos de Althusser para pensar a língua, com base político-ideológica através do materialismo histórico. O sujeito para Pêcheux tem a ilusão de ser livre, de ser dono de seu discurso, quando, na verdade, ele sofre o processo de assujeitamento ideológico, que consiste no fato do sujeito passar a ocupar seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais. Quem enuncia, o faz a partir de um lugar, socialmente e historicamente marcado, tendo a ideologia e sujeitos enquanto elementos intimamente ligados. Pêcheux (1997, p. 149) dirá que “só há prática através de e sob *uma* ideologia; só há ideologia pelo sujeito e para os sujeitos”. Fernandes (2008, p. 17) afirma que a “ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso”.

A noção de Formação Ideológica (FI) proposta por Pêcheux (1997, p. 160) nos leva a pensar acerca da relação entre ideologia e sentidos tendo em vista os posicionamentos ideológicos, ou seja, o sujeito discursivo que ocupa determinada posição. Os sentidos são possíveis de serem compreendidos a partir da posição ocupada pelos sujeitos e a Formação Discursiva (FD) irá determinar dentro da FI o que pode e deve ser dito e que será articulado

em diversas formas, seja por uma propaganda, pela mídia, pelo governo, enfim, onde a relação que se estabelece entre palavras, expressões ou proposições dentro de uma mesma FD ou quando se passa de uma FD para outra, são determinantes para que se pensem os sentidos.

A interpelação decorre das FIs e ainda do interdiscurso, ou seja, de atravessamentos ideológicos e discursivos, que denotam relações de aliança ou de confronto que se estabelecem entre discursos. Pêcheux (1997, p. 163) afirma que

Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.

Pela forma-sujeito, o sujeito do discurso se identifica com a FD que o domina e assume o que diz como verdade absoluta e não como uma possibilidade de verdade, de identificação. O sujeito rejeita as FDs que se opõem a FD dominante no qual o sujeito se identifica, operação chamada de esquecimento número 1 e ainda realiza uma seleção das formas cabíveis, possíveis de serem utilizadas no discurso, ou seja, é a operação de seleção linguística que todo falante faz entre o que é dito e o que deixa de ser dito, o chamado esquecimento número 2. Este processo de esquecimento ocorre no nível do inconsciente e a relação entre a AD e a Psicanálise passa a ser observada de forma mais contundente a partir da chamada terceira fase da AD onde o sujeito assume diversos posicionamentos e sempre há a possibilidade de irrupção de um discurso-outro onde o sujeito não é o outro, mas a singularidade da posição de um sujeito que se move nas relações interdiscursivas. A relação entre sujeito e ideologia, nos ajudará a refletir acerca do discurso midiático quando pensamos neste discurso com foco específico na universidade, onde estas duas instituições, universidade e mídia por si só, são atravessadas por diferentes ideologias e contextos históricos e sociais.

Como afirma Orlandi (2010, p. 20) “o discurso é efeito de sentido entre locutores”. Os sentidos não são dados, mas sim construídos, sendo que as palavras ganham ou perdem sentido de acordo com a FD em que se encontram, a partir das relações que são desenvolvidas dentro de uma mesma ou de uma FD diferente. Orlandi (2010, p. 43-45) esclarece que para que se possa constituir o sentido do discurso, as palavras se inscrevem em uma determinada FD, da qual emanam os sentidos. A FD é o local privilegiado dos sentidos, que decorrem da instância ideológica por meio das FIs. O sujeito enuncia a partir do já dito, já ouvido, em uma

relação perpassada por outros discursos, na qual o sujeito identifica-se com uma FD que o domina e que é influenciada por aquilo que lhe é exterior e na relação FD e interdiscurso sendo que o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função de relações de dominação, subordinação, contradição (MALDIDIER, 2003, p. 51).

Na AD-3, Pêcheux, a partir da maior aproximação com a psicanálise lacaniana concebe os discursos e os sujeitos a partir da incompletude, da falta, de rupturas e lapsos. Os sentidos não podem ser apreendidos em sua totalidade, sendo que sempre haverá o espaço da falta e incompletude. O sujeito da terceira fase se move nas relações interdiscursivas, na qual a falha está presente, com sujeito que oscila entre consciente e inconsciente e haverá sempre a irrupção de um discurso outro, logo, de outros sentidos. Para Fernandes (2008, p. 15) “os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução” e nas palavras de Pêcheux (2012, p. 50) “a pesquisa lingüística começaria assim a se decolar da obsessão da ambigüidade (entendida como lógica do ‘ou’... ‘ou’) para abordar o próprio da língua através do papel do equívoco”. E assim, Pêcheux (1997, p. 53) afirma que

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.

Crescimento: benefícios ou transtornos?

Uma universidade que cresce, onde cursos novos são ofertados e prédios construídos. Com as diferentes formas de ingresso em um curso superior por parte dos alunos e com a realização de concursos disputados por pessoas de diferentes regiões, a cada dia mais a UFG cresce e acolhe estudantes e servidores de diferentes lugares do país. Falar em crescimento, especialmente em uma instituição do tamanho da UFG e ainda quando se fala em transformações e intervenções no espaço da universidade e no cotidiano, seja na mobilidade, em questões acadêmicas ou de recursos humanos, é algo que afeta diretamente os sujeitos e que produz, a julgar da posição e da identificação ou não com outros discursos, diferentes sentidos, onde sujeitos são constituídos tendo em vista determinações ideológicas, culturais, sociais e ideológicas.

Dependendo da identificação do sujeito, que no caso da UFG será um dos três segmentos que compõem a universidade – estudante, professor ou técnico administrativo – a uma determinada ideologia e discurso, bem como a atravessamentos discursivos e da relação

entre sujeitos e ainda do veículo de comunicação que materializa os discursos na forma de matérias jornalísticas e do próprio jornalista, também entendido enquanto sujeito, responsável por trazer diferentes vozes que estarão ou não em conflito, a mesma noção de obras e construções, ou seja, de crescimento, assumirá diferentes sentidos.

A matéria *Obras provocam transtornos* publicada no jornal *O Popular* e a matéria *Novos prédios nos campus da UFG* que se encontra no *Jornal UFG* apresentam os sujeitos que constituem a matéria, que se posicionam de um local historicamente e ideologicamente marcado e ainda o mesmo tema abordado que gera diferentes sentidos. A mesma palavra “ampliação”, por exemplo, dentro do contexto de obras, está associada a algo positivo, no sentido de ser a prova de que a UFG cresce, se moderniza e é capaz de crescer em todos os âmbitos, não apenas na questão da infra-estrutura. De outro lado, a mesma “ampliação” vem associada a transtornos, desordem, falta de organização, tudo ocasionado pela ampliação dos espaços físicos. No *Jornal UFG* os novos prédios, as obras e construções que são realizadas são associadas ao novo, aos benefícios enquanto em *O Popular* se associa a reclamações, transtornos e dificuldades. Da mesma forma as fotografias escolhidas por cada um dos jornais, em sintonia com os textos faz com que imagens e textos se associem no sentido de produzir uma discursividade capaz de “assegurar”, do ponto de vista jornalístico, a veracidade dos fatos.

Tomemos como análise o *Jornal UFG* e os sujeitos que surgem no discurso, por meio do posicionamento institucional do próprio jornal, bem como do jornalista. Ao se vincular institucionalmente a UFG e ainda ao discurso institucional da universidade, o jornalista constrói seu discurso, a partir de dados e de outros sujeitos, tendo em vista a posição que ele ocupa dentro da instituição enquanto sujeito, que neste instante, é um sujeito jornalista, que trabalha para a UFG e que, logo, deverá, enquanto responsável pela escrita da matéria jornalística se colocar em uma posição que esteja alinhada, portanto, dentro da FD institucional com relação ao crescimento da universidade. A partir desta reflexão, percebe-se que a tentativa é mostrar dados, imagens e falas, que mostrem dinamismo e utilização responsável do dinheiro público, já que, uma publicação produzida por um órgão público, assume também o caráter de prestação de contas. Portanto, o jornalista se vincula discursivamente e ideologicamente ao discurso institucional, onde também se vinculam os sujeitos presentes na matéria jornalística.

Não há espaço para deslocamentos de sentidos com relação ao crescimento da UFG e os dizeres dos entrevistados servem para reforçar ou estar em sintonia com o sujeito

jornalista, onde todos se encontram em sintonia, sujeição ao sujeito universal da FD que podemos denominar UFG com seus discursos. A paisagem urbana da UFG e as modificações que são realizadas nos diferentes espaços da instituição são vistos enquanto algo que denota ação, continuidade, evolução. Os diretores da instituição interpelados pela ideologia institucional oficial aparecem na matéria, afinados ao discurso administrativo e de gestão, dele não se divergindo, ao contrário, endossando e fazendo com que o sentido construído na matéria *Novos prédios nos campus da UFG* seja na medida do possível o mais homogêneo possível. A fala do diretor entrevistado evidencia esse caráter de obras e construções que geram crescimento e que avançam, com o propósito até mesmo de se contrapor a visão que se tem de que os órgãos públicos são lentos e burocráticos. O diretor fala de obras, de ações no presente e no futuro próximo, reforçando ao final que todas as ações são devidamente planejadas e estudadas e obedecem a critérios técnicos, ambientais e de acessibilidade.

Já no jornal *O Popular* a questão do crescimento surge de uma forma dialética, onde surgem contradições, diferentes filiações discursivas e ideológicas, que fazem com que os sujeitos sejam construídos dentro do discurso também a partir de seu local de fala, de sua vinculação a instituição e aos discursos, no entanto, os sujeitos não necessariamente se assujeitam ou se filiam ao mesmo discurso institucional oficial. A matéria *Obras provocam transtornos* diferente da matéria a qual refletimos anteriormente, já traz consigo outra visão vinculada ao crescimento da UFG que se associa não a benefícios, mas a transtornos. Já se nota também a presença de diferentes sujeitos que discorrem em suas falas sobre a questão do crescimento, que na fala institucional será visto como avanço, enquanto na fala de outros segmentos, será tido como descontentamento. Os sujeitos tratam do mesmo tema, mas a sua constituição e a produção de sentidos são diferentes e a isso se soma o fato do jornalista, a princípio, não estar vinculado ou atrelado ao discurso institucional, o que lhe permite mobilizar diferentes vozes, embora sabemos, isso não significa liberdade, pois não existem discursos totalmente livres. Estudantes se constituem sujeitos pela FI estudantil e se vinculam em boa parte aos discursos desta ideologia. Assim, para estes sujeitos, o crescimento assume sentidos que divergem do discurso institucional. Ao focar, sobretudo na questão da falta de estacionamento na UFG em decorrência de inúmeras obras, a palavra que pode ser associada à construção dos sentidos por parte de estudantes e usuários da universidade é a ausência de planejamento, que acarreta transtornos. Por outro lado, a fala institucional, apresentada pelos órgãos competentes da UFG, ao enunciar em uma posição e filiação ideológica e discursiva diferente das anteriores, justamente rebate a questão e enxerga as obras e a dificuldade de se

encontrar estacionamento como algo transitório no que se refere aos transtornos causados pelas obras, embora, admita que a questão decorrente da falta de vagas não será resolvida em sua totalidade. O diretor se posiciona enquanto tal e constrói um outro sentido para as queixas de estudantes e usuários dos espaços da UFG, alegando que estes, por sua vez, não necessariamente não encontram vagas para estacionar seus veículos, mas que, na verdade, não encontram vagas nas especificações que desejam, ou seja, próximo ao prédio que necessitam acessar. Percebemos que de um mesmo enunciado, a falta de estacionamento, o sentido construído pelos sujeitos é completamente diferente.

Considerações finais

O que podemos depreender acerca dos discursos que circulam nos dois jornais analisados com relação ao crescimento da UFG, que abordam de forma mais específica a questão das obras e construções é justamente o fato de que

As palavras, expressões, preposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1997, p. 160)

A forma como é pronunciado um dizer, carrega um sentido de como promover um determinado discurso, isso implica no fato de que

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc, não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

No discurso midiático sobre a universidade, a fala da instituição se articula com a fala dos sujeitos que compõem a UFG e que falam sobre o mesmo objeto, a universidade, porém a partir de um local que reconhece a instituição a partir do grau de relacionamento com a universidade. “O modo como as palavras fazem sentido, em AD, tem haver então com a língua, o sujeito e a história” (TEIXEIRA, 2005, p. 38). Portanto, o sujeito que se constitui enquanto sujeito discursivo se identifica a partir das condições de produção e da posição que ocupa a um dado discurso e ideologia, no qual os sentidos se constroem por meio dos discursos presentes nas FDs. A relação que se estabelece, assim, entre discurso, mídia e universidade é vista enquanto constituída por diferentes discursos, por sujeitos heterogêneos e

por posicionamentos ideológicos diferentes a partir de um contexto social e histórico, onde a UFG, ou alguns discursos sobre a instituição, se materializam na mídia constituindo e construindo sujeitos e sentidos diversos em um processo constante e permanente de construção. Sentidos, sujeitos e universidade não estão prontos, acabados, concluídos e dessa forma, estarão sempre em construção, suscetível a modificações, falhas, rupturas, tropeços, confrontos, enfim, da mesma forma como é a condição de existência do ser humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Lisboa. Presença & Martins, 1970.

CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR. In: *Resumo Técnico do Censo da Educação Superior* 2011. *Base de Dados do Inep*. 2011. Disponível em <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2011.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2013.

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos. Claraluz, 2008.

LONGO, Malu. Obras provocam transtornos. *O Popular*, Goiânia, 21 de maio de 2012. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/cidades/obras-provocam-transtornos-1.154850>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. São Paulo: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

_____. *O discurso – Estrutura ou Acontecimento*. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. *Análise do Discurso: três épocas* In: GADET F.; HARK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Unicamp, 2010.

SOLAREVISKI, Raniê. Novos prédios nos campus da UFG. *Jornal UFG*, Goiânia, novembro/dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.jornalufgonline.ufg.br/uploads/243/original_Jornal_UFG_55_PDF.pdf>. Acesso em 10 fev. 2014.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2. ed. Porto Alegre. Edipucrs, 2005.

Anexos

a) *Jornal UFG*

Novos prédios nos câmpus da UFG

Ampliação da infraestrutura acompanha o crescimento da pesquisa, da acessibilidade e da inovação na universidade

Raniê Solarevisky

A paisagem dos câmpus da UFG modificou-se drasticamente nos últimos anos. E nada indica que a expansão vá terminar tão cedo. Até o final do ano, 18 novas obras devem ser inauguradas, distribuídas entre os Câmpus de Goiânia, Catalão e Jataí. "Para o primeiro semestre do ano que vem, já temos previsão de inaugurar mais do que isso", afirma o diretor do Centro de Gestão do Espaço Físico (Cegef), Marco Antônio de Oliveira. Os Institutos de Matemática e Estatística, Informática e Estudos Socioambientais, além da Faculdade de Artes Visuais, receberão novas sedes, localizadas atrás do Centro de Aulas Baru e da TV UFG. A área central da quadra das novas sedes abrigará um Centro de Convivência com espaço para a instalação de Centros Acadêmicos (CAs), dos cursos recém-criados. "Numa segunda etapa, já prevista no plano para o local, serão construídas 12 salas para os CAs que ainda não tenham um espaço próprio, como o do curso de Educação Física", explica o diretor do Cegef.

O Núcleo de Pesquisa e Ensino em Ciências (NUPEC), coordenado pela professora Agustina Rosa Echeverría, do Instituto de Química (IQ), também ganhará espaço próprio nas cercanias do Centro de Aulas Baru. Já na Praça Universitária, no Câmpus



Prédio do Instituto de Matemática e Estatística na área de expansão do Câmpus Samambaia

Colemar Natal e Silva (câmpus II), a Faculdade de Nutrição (Fanut) será ampliada em mais de 900 m², em razão do aumento no número de alunos causado pela expansão de vagas na UFG, e o Centro de Aulas D (ainda sem denominação oficial) será inaugurado com sua estrutura completa, incluindo ar condicionado e elevadores.

Algumas unidades serão ampliadas. O Centro de Recursos Computacionais (Cercomp), impulsionado a crescer para acompanhar a expansão da universidade nos últimos anos, viabiliza até o fim de 2012 sua segunda etapa. A Faculdade de Letras ganhou um novo espaço – o bloco Bernardo Ellis, inaugurado no último dia 8 de novembro – para desenvolver as atividades da pós-graduação, bem como abrigar salas de aula e o Centro de Línguas. Já a Escola

de Agronomia e Engenharia de Alimentos receberá, dada a distância da unidade dos demais prédios de uso coletivo no Câmpus Samambaia, um centro de aulas exclusivo, além de um espaço específico para Horticultura. Nos câmpus do interior, os edifícios das áreas de Saúde e Exatas do Câmpus Jataí também serão ampliados, enquanto o Restaurante Universitário em Catalão, com recursos do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), também deve ser inaugurado até o fim do ano.

Além de todos os novos prédios, o Cegef também trabalha para garantir a sustentabilidade dos novos edifícios, na forma de urbanização adequada em torno das áreas de construção, executando, de forma paralela, os projetos de estacionamentos, passarelas, calçadas, paisagismo

e iluminação noturna. "Logo depois que todos os prédios forem inaugurados, faremos uma sistematização mais rigorosa do trânsito, com marcações das faixas e sinalização em geral. Estudamos até mesmo algum tipo de parceria com a Agência Municipal de Trânsito (AMT)", declara Marco Antônio de Oliveira. O aumento do fluxo de pessoas e veículos também já foi previsto, mediante a expansão dos estacionamentos e das calçadas, e da construção da ciclovia ligando as Escolas de Agronomia e Engenharia de Alimentos e de Veterinária e Zootecnia ao resto do câmpus. Essa, por sua vez, será integrada ao trecho cicloviário que está sendo construído em parceria com a Prefeitura de Goiânia – os mais de 10km do percurso vão conectar os dois câmpus da UFG na capital.

2) *O Popular*

UFG

Obras provocam transtornos

Estudantes e funcionários reclamam da falta de vagas para estacionamento. Universidade passa por ampliação dos campus³

Malu Longo

21 de maio de 2012

³ Trabalhamos com textos e imagens da mesma forma em que foram publicados pelos jornais. No caso do *Jornal UFG* nos valem da versão em formato PDF, disponibilizada pela Assessoria de Comunicação e que reproduz de forma fiel a versão impressa do jornal. Em *O Popular*, foi feita a pesquisa a partir da página do jornal na internet, onde são disponibilizadas também as matérias da edição impressa, que reproduzem o mesmo conteúdo do impresso, embora não com a mesma disposição e organização das matérias, como observado no jornal, por se tratar de veiculação eletrônica.

(segunda-feira)



Grande número de obras tem causado transtorno na UFG

Maior instituição de ensino superior do Estado, a Universidade Federal de Goiás (UFG) vive o maior crescimento físico e acadêmico de sua história, uma expansão gerada pelo Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Neste momento, cerca de 60 obras estão em andamento em suas unidades espalhadas por Goiânia, Jataí, Catalão e cidade de Goiás, mais da metade delas no Câmpus Samambaia, região norte da capital. Também conhecida como Câmpus 2, a área abriga uma movimentação incomum de operários e material de construção, situação que tem causado desconforto a alunos e professores. Como efeito colateral do crescimento, estudantes e funcionários reclamam da bagunça pelas obras em andamento e, principalmente, da falta de vagas para estacionar, cujas áreas estão sendo tomadas pelos novos prédios.

Com o Reuni, a UFG salta de 15 mil alunos em 2007 para 25 mil alunos este ano. Em contrapartida, a área construída vai dobrar, saindo de 207 mil m² para mais de 400 mil m². Os benefícios do Reuni alcançam todas as instituições federais de ensino superior do País, mas o aquecimento do mercado de construção civil está refletindo no programa que tem um calendário a cumprir até o final deste ano. Sem mão de obra suficiente e com custo elevado, as construções atrasaram. Com a retomada do ano letivo, o ritmo acelerado das obras começou a ser sentido pela comunidade universitária. Além da facilidade que a população encontra hoje para comprar um carro, o fato do Câmpus 2 ser distante da região central da cidade desestimula os alunos e funcionários a adotarem o transporte coletivo para chegar ao local.

Acadêmica de Arquitetura há um ano, Isabela Borba Rezende, que costuma se encontrar com seus professores no Centro de Aulas Caraíba, no Câmpus Samambaia, acredita que o trabalho está mal planejado. “Não temos onde deixar os carros. Os estacionamentos estão tomados de material de construção. Por que não fazer por etapas, abrir um e fechar outro?”, questiona. O prédio onde Isabela estuda integra o que a UFG já chama de Quadra do Reuni. São novas construções que surgiram com os recursos proporcionados pelo programa, algo em torno de R\$

58 milhões, mas que receberam acréscimo de pelo menos R\$ 40 milhões. Ele está em frente ao estacionamento da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), que foi fechado em outubro para ampliação.

TRÁFEGO

Universitários e demais frequentadores da UFG, como fornecedores, estão enfrentando problemas de tráfego exatamente neste ponto. Além do impedimento de estacionar no fundo do prédio da Facomb, o número de obras nas imediações é grande. “Hoje está tumultuado porque os estacionamentos não estão prontos”, se defende o arquiteto Marco Antônio de Oliveira, diretor do Centro de Gestão do Espaço Físico (Cegef) da UFG, responsável pela fiscalização das obras. Ele acredita, entretanto, que mesmo que o número de vagas de estacionamento dobre, como está previsto, passando para mais de 2 mil vagas, não será suficiente para atender a demanda. “Todos querem estacionar mais perto dos prédios e de preferência na sombra”, afirma.

O diretor do Cegef explica que as cerca de 500 vagas de estacionamento do Centro de Cultura e Eventos Ricardo Bufaiçal ficam praticamente vazias durante a maior do tempo, mas os estudantes não querem andar. “Há passarelas cobertas ligando todos os prédios, até a Educação Física.” Perto dali, diante dos antigos prédios do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) também costumam sobrar vagas, embora parte do estacionamento esteja abrigando novas construções. Estudante de Química, Gabriela Fogaça foge à regra. Nos dias que precisa assistir aulas no Centro Baru, na Quadra Reuni, costuma deixar seu carro exatamente neste ponto, a 400 metros de distância. “Prefiro assim, porque aqui é muito difícil encontrar vagas”, explica.

Para a empresária Márcia Costa, que precisa ir todos os dias ao Câmpus 2 onde administra lanchonetes, a dificuldade para estacionar está restrita a área da Faculdade de Letras e da Facomb. “Tenho levado mais tempo para encontrar vagas nessa região”, resume. Já a mestrande de Mídia e Cultura, Mariana de Paiva Araújo, que tem aulas na Facomb, reclama do tempo que gasta para estacionar seu veículo. “Não planejaram estacionamentos.”

Marco Antônio de Oliveira ressalta que o crescimento da instituição, a partir de recursos do Reuni, foi definido em conjunto. “Cada unidade definiu a ampliação do número de alunos e do espaço físico.” No Câmpus Samambaia, segundo ele, a maior parte das 37 obras em andamento será entregue até o final deste ano. “A comunidade precisa se conscientizar e colaborar. Estamos vivenciando uma mudança nunca vista na UFG”, afirma o diretor do Cegef.